



# Portugal Romano

A Exploração  
dos  
Recursos Naturais



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

*Maquetas*

Sítios

ARESTA - DESIGN SERIGRAFIA

Arados

ESCOLA SECUNDÁRIA AVELAR BROTERO  
(Curso Técnico de Construção Civil)

Sarilho

MANUEL MATIAS

*Luminotecnia*

RUI SILVA SANTOS

assistido por: SALVADOR BATISTA  
MODERNILUX, LDA.

*Execução de obra*

METALURGICA PROGRESSO DE SACAVÉM  
coordenada por: HELDER ALVES

*Montagem da exposição*

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

LUIS FILIPE ANTUNES

MARGARIDA CUNHA

MARIA JOSÉ ALBUQUERQUE

MARIA LUISA GUERREIRO JACINTO

RUI PEDRO

coordenados por: CARLOS SEVERO  
JOÃO VIEIRA CALDAS

*Tratamento informático de textos*

MARIA ALICE GONÇALVES

MARIA LUISA GUERREIRO JACINTO

*Pré-impressão, impressão e acabamento*

CROMOTIPO ARTES GRÁFICAS, LDA.

LISBOA

*Depósito legal*

113 211/97

*ISBN*

972-8137-60-2

# Caça e criação de gado: seu papel na alimentação

JOÃO LUÍS CARDOSO

Os testemunhos materiais da existência de rebanhos ou de animais estabulados, no Período Romano, em território português, são frequentes, constituindo, a par dos restos de fauna caçada, preciosos elementos para o conhecimento das bases de subsistência de determinada comunidade e, deste modo, da sua economia ou do estatuto que, no seu seio, detinha o segmento a que, eventualmente, se possa atribuir o respectivo consumo.

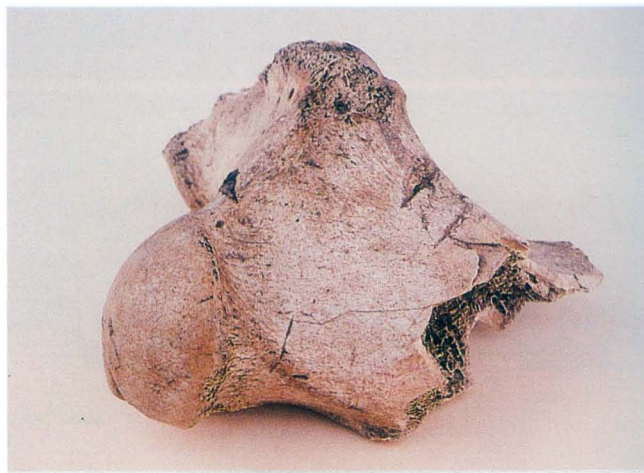
Para a reconstituição da dieta de determinada comunidade ou grupo social, os textos clássicos e as representações artísticas fornecem outros novos elementos, sobretudo sobre aspectos como a sua utilização em práticas rituais, que escapam, quase completamente, à análise dos testemunhos materiais obtidos em escavações. Os conjuntos faunísticos do Período Romano até ao presente estudados em Portugal provêm de Conimbriga; da Ilha do Pessegueiro; e da Quinta do Marim. O interesse destes três conjuntos, em si mesmo numericamente pobres, é acrescido pelo facto de provirem de estações com características muito diversas.

Em Conimbriga, o único conjunto osteológico com indicações estratigráficas, provém da “Casa dos Repuxos”, sendo atribuível ao final do século I d.C. ou inícios do seguinte. Os cinquenta e quatro restos identificados distribuem-se pelas seguintes espécies:

	nº de restos	%
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	3	5,6
<i>Sus scrofa</i> (javali)	1	1,8
<i>Sus domesticus/Sus scrofa</i> (porco/javali)	6	11,1
<i>Bos taurus</i> (boi)	24	44,4
<i>Ovis/Capra</i> (ovelha/cabra)	18	33,3
<i>Equus caballus</i> (cavalo)	2	3,7



Extremidade distal de humero de boi. Possui marcas de fogo indicando preparação culinária.



Extremidade proximal de fêmur de boi apresentando marcas de corte por cutelo e desossagem com faca.

M.M.C.

M.M.C.

Verifica-se um nítido predomínio do boi doméstico, ao nível do número dos restos identificados; tal importância aumenta ainda, se atendermos ao peso de cada um destes animais, sem dúvida consumidos na urbe, como é indicado pelas marcas de corte e de combustão que alguns dos seus ossos apresentam. Por outro lado, a nítida dominância de espécies domésticas é concordante com o carácter urbano do contexto.

Na Ilha do Pessegueiro, identificaram-se, segundo a distribuição estratigráfica observada (da 2ª. metade do século I d.C. para a C.6 ao século IV/inícios do V d.C), as seguintes séries de mamíferos:

	<i>Cervus elaphus</i> (Veado)	<i>Capreolus capreolus</i> (Corço)	<i>Bos taurus</i> (Boi)	<i>Capra hircus</i> (Cabra)	<i>Ovis aries</i> (Ovelha)	<i>Capra</i> <i>Ovis</i> (C./O.)	<i>Sus scrofa</i> (Javali)	<i>Equus caballus</i> (Cavalo)	<i>O. cuniculus</i> (Coelho)	<i>Canis familiaris</i> (Cão)
<b>C2</b>	2 (50%)								2 (50%)	
<b>C3</b>	1 (4,5%)			4 (18,2%)	4 (18,2%)		4 (18,2%)		8 (36,4%)	1 (4,5%)
<b>C4</b>	9 (50%)			3 (16,7%)	1 (5,6%)	1 (5,6%)			5 (27,8%)	
<b>C5</b>	6 (19,4%)		1 (3,2%)	7 (22,6%)	3 (9,7%)	4 (12,9%)			10 (32,2%)	
<b>C6</b>	9 (40,9%)	1 (4,5%)			6 (27,3%)			4 (18,2%)	2 (9,1%)	
<b>Total</b>	27 (27,8%)	1 (1,0%)	1 (1,0%)	11 (11,3%)	16 (16,5%)	5 (5,2%)	4 (4,1%)	4 (4,1%)	27 (27,8%)	1 (1,0%)

Ao contrário do verificado em Conimbriga, a base de subsistência das comunidades romanas que sucessivamente ocuparam a ilha é nitidamente dominada pela caça local. Com efeito, 27,8% dos restos pertencem a veado. A quantidade e corpulência do veado, face á dos restantes animais, caçados ou domésticos, mais acentua a preponderância que esta espécie teria na alimentação. Este facto explica-se pela sazonalidade da presença humana na ilha, apenas frequentada na altura das pescarias, época em que laboravam as fábricas de preparados piscícolas ali identificadas.

Na Quinta do Marim, Faro, escavou-se uma fábrica de salga de peixe, associada a um conjunto de edifícios de planta rectangular que teriam funcionado como armazéns, na dependência da fábrica, da 1ª. metade do século III d.C. Recolheram-se escassos restos ósseos de mamíferos, da época da laboração da fábrica (fase 1) ou coevos de derrubes (fase 2a) e lixeiras tardo-romanas (fase 2b), do séc. IV d.C., cuja identificação sistemática forneceu os resultados seguintes:

	Fase 1	Fase 2a	Fase 2b
<i>Sus domesticus</i> (porco)	5 (55,6%)		
<i>Bos taurus</i> (boi)		2 (1,6%)	8 (15,1%)
<i>Capra hircus</i> (cabra)	4 (44,4%)	85 (66,9%)	15 (18,3%)
<i>Ovis aries</i> (ovelha)			12 (22,6%)
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho)		40 (3,1%)	3 (5,7%)
<i>Canis familiaris</i> (cão)			15 (28,3%)

No conjunto, é interessante verificar que a presença de porco é exclusiva do contexto mais antigo, enquanto os ovinos e caprinos dominam no mais recente, sugerindo aos autores do estudo evolução social no sentido de menor sedentarização. No entanto, a presença significativa de boi,

neste último contexto, não permite aceitar sem reservas esta hipótese: em termos de proteínas consumidas, esta espécie ocupava, mesmo, o primeiro lugar, tal como se verifica em Conimbriga.

Sobre o boi doméstico, Columela (Livro VI, *Da Agricultura*) oferece uma detalhada descrição de coloração de pelagens, em diferentes regiões do Império Romano. Na sua *História Natural*, Plínio o Velho insiste, sobretudo, nas diferenças de tamanho. Tais diferenças têm sido confirmadas pelo material recuperado nas escavações.

As fontes iconográficas permitem apreciar as formas dos animais e as suas proporções, bem como comparar o seu tamanho absoluto; a questão é, porém, mais delicada do que parece, pois não sabemos até que ponto o artista representou animais reais e não imaginários ou mais ou menos distorcidos por convenções estéticas ou artísticas. Documentando esta realidade, temos, como exemplo mais flagrante, o arco de Augusto, em Susa, no qual é representado um bovídeo gigantesco, explicável pela importância que se pretendia dar ao acto sacrificial, dando deste modo um lugar de destaque à vítima. Trata-se, portanto, de uma representação cujo critério não é naturalista, mas simbólico.

Pelo contrário, há outros monumentos romanos em que o boi nos aparece de dimensões muito mais modestas. Cabe ao arqueozoólogo estabelecer relação entre textos escritos e a iconografia disponível: por ex., haverá relação entre o bovídeo figurado no altar dito de Domitius Ahenobarbus e os grandes bois da Umbria de que fala Columela? Ou, por outro lado, os pequenos bovídeos recolhidos frequentemente nas jazidas arqueológicas da época romana terão expressão no exemplar representado na base dita "Decennia dos Tetrarcas", onde se observa uma procissão de tais animais conduzidos para o sacrifício?

Com efeito, o boi assume, no contexto dos animais sacrificiais, o lugar cimeiro como nos informa Plínio. Estrabão (III, 3, 7) diz, também, que os Lusitanos sacrificavam bodes, os prisioneiros de guerra e os cavalos, e faziam hecatombes destas três espécies de vítimas, imolando 100 de cada uma delas.

Haveria, também, de procurar diferenciar o touro selvagem do boi, embora devamos reconhecer a dificuldade de tal tarefa, ao nível arqueozoológico.

As manadas de bois mantidas pelos Romanos em Itália como nas províncias teriam três finalidades principais: como animais de tiro, em quintas ou no exército; como animais sacrificiais; e como fornecedores de carne, tanto em contextos militares como civis, desempenhando papel mais importante do que geralmente lhe tem sido atribuído.

Quanto às outras espécies de mamíferos identificados nos três conjuntos faunísticos em apreço, justificam-se os seguintes comentários adicionais, visto terem assumido papel de relevo no quotidiano:

*Sus scrofa*, *Sus domesticus* (javali, porco) - Apicius na sua *Arte Culinária*, dá-nos mais de 27 receitas para suídeos, 10 para javali e 17 para o porco/leitão, enquanto as do bovídeos são apenas 4 e as relativas aos ovicaprinos 11.

A predilecção pela carne de porco é-nos também, atestada por Plínio o Velho (*História Natural*, VIII, 77, 209): "Nenhum outro animal fornece tanto alimento à gulodice: a sua carne possui cerca de 50 sabores, enquanto que a dos outros tem apenas um. Daí, tantos artigos e leis censoriais interditando nas refeições os buchos, as tripas, os testículos, as glândulas e as cabeças de porco".

São frequentes, no Mundo Romano, as representações da caça ao javali, considerada como desporto e também como complemento da dieta alimentar.

O javali era também um dos animais sacrificiais, conjuntamente com a ovelha e o touro (*suovetaurilia*). Porém, a maioria dos suídeos utilizados em tais práticas era de origem doméstica.

*Ovis aries*, *Capra hircus* (ovelha/cabra) - Para a ovelha e a cabra, os textos são mais ricos em referências quanto ao fabrico de queijos do que no concernente ao consumo de carne (Varrão, *Da Agricultura*, VII, 8). Um dos interesses económicos maiores dos rebanhos de ovinos e caprinos, era, porém, o aproveitamento da lã. A Hispânia era célebre pela qualidade da lã de ovelha ali produzida. Como já referimos, a ovelha era também uma das vítimas dos *suovetaurilia*. Também as cabras eram usadas para fins sacrificiais, o que era justificado pelo seu relativo baixo custo. Enfim, esta espécie era também útil como animal de tracção, especialmente em pequenas atrelagens usadas pelas crianças.

*Equus caballus* - Varrão (*De Re Rustica* II, 7, 15) evidencia bem o fim que os Romanos davam aos cavalos, indicando a sua utilização na guerra, transporte, incluindo a caça a cavalo, cerimónias religiosas e corridas no circo.

Vegitius (*Ars Mulomedicina* III, 6, 2) indica, para o cavalo, os três seguintes usos mais importantes: na guerra, no transporte e nas corridas, e, ocasionalmente, nos trabalhos agrícolas ou industriais, utilizando a força de tracção; o consumo de carne de cavalo era objecto aos Romanos.

*Oryctolagus cuniculus* (coelho) - A abundância em toda a Hispânia de coelhos foi bem frisada pelos Romanos, não apenas em textos (Estrabão) mas na numismática: em bronzes de Hadrianus representa-se a Hispânia reclinada, tendo junto um coelho; para Plínio, o coelho peninsular era extremamente prolífico tendo ficado registado como carácter emblemático de toda a Península Ibérica. Compreende-se assim, com dificuldade, a escassez de referências ao aproveitamento culinário de tal animal, a menos que não fosse, de facto, especial objecto de caça e muito menos de criação doméstica.